


ESPIRITUALIDADE SEM DOGMAS

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 27 de outubro de 2024

Ângela estava sentada na varanda com seu avô Vladimir. Eles observavam o Sol se pôr atrás das montanhas. Depois de um longo silêncio, ela olhou para ele e disse: "Vovô, todos os pais dos meus amigos são católicos, mas você não é, né?". O avô, que estava tomando seu chá de maçã, ergueu as sobrancelhas e sorriu de leve. "É verdade, Ângela", respondeu ele. E acrescentou: "Eu não sou católico, mas eu tenho minhas próprias crenças".

Curiosa, Ângela perguntou: "Então, no que você acredita?" O avô pensou por um momento, como se estivesse escolhendo cuidadosamente as palavras. "Acredito em um Deus criador, soberanamente justo e bom; na imortalidade dos espíritos; na reencarnação; na pluralidade dos mundos habitados e na comunicação entre os espíritos encarnados e desencarnados. Mas, de certa forma, tudo isso é secundário. O que verdadeiramente importa é a evolução espiritual, ser melhor hoje do que ontem. E o progresso significa o esforço para a melhora pessoal e do mundo, exercitando todo o amor possível".

Ângela refletiu sobre o que ouviu por alguns minutos. Ela olhou para o avô e perguntou: "Mas, vovô, você acha que, por não ser católico, você é diferente ou está errado?" O avô sorriu mais uma vez e, gentilmente, observou: "Não, minha pequena. Não acho que exista um jeito certo ou errado de exercer a espiritualidade. Não deixe de considerar que a espiritualidade e, mais especificamente a religiosidade, sofre enorme influência social. Um país majoritariamente muçulmano tende a se manter assim. Um país majoritariamente católico tende a se manter assim. Um país majoritariamente



judeu tende a se manter assim. A grande maioria das pessoas simplesmente aceita a fé dominante de forma acrítica”.

Vladimir foi ao seu escritório e localizou uma reflexão escrita produzida décadas antes. Leu para Ângela:


Na minha perspectiva, Deus não é uma questão de fé (dogma). Também não é uma questão de comprovação científica. Deus dá sentido ao mundo (responde racionalmente às principais perguntas sobre a existência). Um mundo sem Deus não faz sentido.

Não trato ou cogito do Deus tradicional, do Deus católico, do Deus antropomorfizado, do Deus raivoso, do Deus vingativo, do Deus guerreiro ou do Deus punitivo (que lança suas criaturas no eterno fogo do inferno, por exemplo). Como teria dito Einstein: o meu Deus é o de Espinoza.

Minhas ideias e concepções atuais não são, e nem devem ser tratadas como, verdades, certezas ou algo do gênero. Cada afirmação, cada ponderação, por mais forte e incisiva que seja sua formulação em termos linguísticos, deve ser entendida como o “mais provável”, a partir das premissas e linhas de raciocínio adotadas.

Toda e qualquer ideia é provisória e limitada aos meus conhecimentos e minha capacidade de reflexão. São construções passíveis de revisão parcial ou total quando identificado um equívoco de raciocínio, um caminho mais plausível ou um quadro empírico que imponha uma correção de rota.

Meu único compromisso é com uma tentativa singela de entender, ao menos em linhas gerais e com todas limitações inerentes aos objetos das reflexões, as grandes questões da existência. Esse complexo caminho não envolve dogmas nem comprovações empíricas.



Nessa linha, essas duas considerações de Allan Kardec são particularmente significativas:

“Pela ação do elemento espiritual individualizado, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Eis por que sem a espiritualidade tropeçamos em dificuldades insuperáveis” (livro “A Gênese”).

“Essa crença [o espiritismo] se apoia sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu próprio não a adotei senão depois de metucioso exame. (...) busquei explicação de tudo, porque só aceito uma ideia quando lhe conheço o como e o porquê” (livro “O que é o Espiritismo”).

Ângela ouviu atentamente. Percebeu que o avô tinha algo especial. Existia nele uma sabedoria que vinha do coração e de muitos anos de reflexão. Ela sentiu-se orgulhosa de ser neta de alguém que via o mundo de uma forma tão bonita e livre. Enquanto o Sol desaparecia, ela segurou a mão dele e sussurrou: “Obrigada, vovô. Acho que você me ensinou muito mais do que qualquer livro de religião.” Ele sorriu, apertando a mão dela, e juntos ficaram em silêncio, apreciando o simples fato de estarem ali, compartilhando o pôr do Sol.

